Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

vol. 37 | 2018

**Fronteira, cosmopolitismo e nação nos mundos
ibéricos e ibero-americanos**

como a periferia se dá a ver

Do fogo à palavra

como a periferia se dá a ver

Fernanda Pires Alvarenga Fernandes

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/cultura/4923>

DOI: 10.4000/cultura.4923

ISSN: 2183-2021

Editora

CHAM — Centro de Humanidades

Edição impressa

Data de publicação: 1 janeiro 2018

Paginação: 179-197

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Fernanda Pires Alvarenga Fernandes, «Do fogo à palavra», *Cultura* [Online], vol. 37 | 2018, posto online no dia 03 dezembro 2020, consultado o 09 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/4923> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/cultura.4923>

Este documento foi criado de forma automática no dia 9 julho 2021.

Cultura is licensed under a Creative Commons Atribuição 4.0 International.

como a periferia se dá a ver

Do fogo à palavra

como a periferia se dá a ver

Fernanda Pires Alvarenga Fernandes

- 1 Falar em temas como representatividade da população periférica e afrodescendente já não é novidade para boa parte dos brasileiros nos dias de hoje. No início dos anos 2000, entretanto, a publicação de um livro escrito por alguém da favela era ainda um tanto inusitada, algo que foi se modificando através do desenvolvimento de tecnologias que reduziram os custos de impressão para pequenas tiragens, sem o auxílio de grandes editoras. É neste cenário que surge Alessandro Buzo, autor nascido e criado na periferia de São Paulo e cuja trajetória se encontra distante do grupo de literatos, tradicionalmente identificado como escritores pelo meio acadêmico e pela mídia. Apesar disso, em menos de duas décadas, ele já publicou uma dúzia de livros e participou de diversas coletâneas.
- 2 A análise principal aqui posta em relevo trata do livro *O trem: contestando a versão oficial* (Buzo 2010), que foge às tradicionais classificações literárias, apresentando uma crueza de linguagem para descrever o trem¹ e a ferrovia paulista na virada do século sob a ótica do usuário do transporte público. A publicação pode ser inserida no contexto de ascensão da chamada Literatura Marginal, ou periférica. Trata-se de um fenômeno que deu visibilidade à produção realizada à margem do grande mercado editorial, em regiões urbanas empobrecidas das grandes cidades do país. É, portanto, um acontecimento imbricado a outras manifestações que ocorrem nesses espaços, como o *hip-hop* e o grafite, além do uso de uma linguagem que destoa da norma culta para abordar temas que mobilizam essa comunidade, como relações de trabalho, violência, preconceito racial, precariedade da infraestrutura pública e outros problemas sociais.
- 3 A partir deste quadro, propomos uma exposição analítica que emule um gesto dêitico, tendo em vista a complexidade que envolve os fenômenos aqui abordados. A apresentação da experiência vivida, ou seja, dar a ver, mais que interpretar, ou além de interpretar, inclui um procedimento de aprendizagem que não advém apenas do distanciamento que levou à “torre de marfim” acadêmica, mas a formas outras de produção de conhecimento análogas a outra noção de leitura:

Tal “leitura”, tanto leitura de livros quanto do mundo, não é simplesmente uma atribuição de sentido. É o movimento interminável, o movimento alegre e doloroso entre perder e voltar a ganhar controle intelectual e orientação – que pode ocorrer no confronto com (quase?) todos os objetos culturais, desde que ele ocorra nas condições de baixa pressão de tempo, isto é, sem que se espere de imediato uma “solução” ou uma “resposta”. (Gumbrecht 2010, 159)

- 4 Portanto, não se intenciona que a teoria antecipe sentidos a fatos da cultura instituídos durante o processo de transformação dos horizontes da ordem social. Dessa forma, a percepção dos objetos estudados como presença, otimiza a possibilidade de compreender as transformações sociais que estão em processo, o que poderia ser neutralizado por interpretações estruturais, sociológicas, ou mesmo antropológicas já consagradas. Ao contrário, caminhamos no sentido de contribuir para a compreensão da experiência estética contemporânea presente nos objetos/eventos analisados, a partir de sua “insularidade situacional e temporal” (*Ibid.*, 156).
- 5 Para além de objetos estritamente literários ou artísticos, queremos apresentar textos, situações e eventos que podem ser tratados como discursos capazes de explicitar a confluência entre mentalidades e lugares de poder na sociedade. Tal escolha parte da compreensão de que uma investigação que deseje articular presença e sentido não pode deslegitimar quaisquer manifestações, válidas e disponíveis, por uma questão de valor, cabendo apenas discutir os diferentes valores que lhes são dados nas formas de apropriação do mundo.

O trem

- 6 O trem se apresenta como uma história de vida que mobiliza a cena pública, um espaço comum compartilhado por passageiros tratados como vândalos durante os tumultos ocorridos na década de 1990 e cuja narrativa própria é ignorada pelo noticiário da época. A obra é dedicada aos que dependem da via férrea na periferia de São Paulo. Buzo nomeia especialmente as paradas das linhas que utilizava e que sofreram com os incidentes descritos no livro, citando uma dezena de estações a fim de deixar claro que grande parte da vida da periferia é vivida na estrada de ferro. Ler nomes como Brás, Tatuapé, Manoel Feio ou Itaquaquecetuba causa certo estranhamento àqueles que não utilizam a malha ferroviária paulista; afinal, as dedicatórias normalmente são feitas a mestres intelectuais, mentores ou companheiros e filhos, afetos familiares que compartilharam da trajetória do escritor. Enumerar estações de trens que andam apinhados de trabalhadores empobrecidos e ofertar um livro a todos os que circulam por elas é um bom indício do começo dessa história.
- 7 Buzo inicia o primeiro capítulo com um relato de tom documental, evocando as memórias de duas décadas passadas nos vagões da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) que ligam a Zona Leste ao Centro de São Paulo. O trem é apresentado como um espaço de socialização, com horários de encontro e de prática de atividades como o jogo de cartas para passar o tempo. Os grupos se dividem por afinidade entre os vagões, dos evangélicos ao pessoal do samba, que acelerava a viagem e às vezes continuava a tocar num bar na volta para casa. É no trem que o autor e vários de seus amigos encontraram suas esposas. O aspecto econômico está junto à sociabilidade do veículo como valor de destaque, principalmente por conduzir a força trabalhadora que vive à margem do centro produtor. Há que se ressaltar neste caso a exclusão seletiva operada na sociedade brasileira, uma vez que os favelados suburbanos

sempre estiveram incluídos pelo viés econômico a fim de desempenhar funções subalternas, não somente aceitas como assim desejadas, como um mito e uma realidade social estabelecida, embora nem sempre admitida abertamente (Perlman, 1977).

- 8 As longas distâncias entre a periferia e o centro fazem do trem um veículo rápido comparado a outros meios, apesar do longo tempo que se passa dentro da composição. Além disso, o formato de transporte é mais agregador do que o ônibus que para de ponto em ponto, tornando a viagem mais descontraída: “tem dias que o trem é uma verdadeira festa. Já houve dias do barato estar tão louco que dava pra perguntar: – Essa galera sabe que hoje é segunda-feira e não são nem sete da manhã?” (Buzo 2010, 67). Diversas características tornam o trem e as estações, mais que um meio de transporte ou de passagem, um ambiente social e político, no qual se organizam diversas atividades produtivas e identitárias, do jogo à religião, do samba ao comércio ambulante.
- 9 O comércio informal mereceu um capítulo à parte no livro por seu caráter de sobrevivência coibida e cada vez mais rara, nos dias de hoje, dentro das composições. O escritor reflete sobre o tema e diz que este mercado paralelo não vai acabar no Brasil devido ao desemprego. Além disso, a ausência de patrão e horário fixo contribuiria para uma rotina mais flexível, na observação de Buzo, acrescentando ainda o fato de que muitos conseguem ganhar mais do que aqueles com salário fixo. A situação, entretanto, é descrita como ilegal e perseguida pela Polícia Ferroviária da época:

Hoje é uma constante luta contra o *rapa*, seguranças contratados para tomar a mercadoria dos ambulantes; a maior revolta de todos é que sabemos que eles comem e bebem as mercadorias apreendidas. A cena é lamentável: chegam dois ou três brutamontes e tomam a caixa de chocolate da mulher que está ali vendendo, praticamente um assalto. Os camelôs não reagem para não se queimar e vão tomando prejuízo; a população não se rebela para ajudar porque é meio que, cada um com seus problemas, mas é chato assistir a cena. Todos torcem pelos camelôs, e ajudam a esconder sacolas com mercadorias.

Já vi camelô virar a caixa de cerveja no chão para não dar pro *rapa*. Aí o povão invade, pega e não tem pra ninguém. Depois que o *rapa* some, uns devolvem, outros pagam a lata que pegaram e outros simplesmente se aproveitam da situação e bebem de graça. (Buzo 2010, 20-21)

- 10 Este trecho deixa clara a identificação dos passageiros com o vendedor ambulante ilícito e não com o policiamento, com o *rapa*. Observa-se uma tensão entre a ideia de ordem e justiça, pois se a ordem fosse percebida como justa não haveria esse tipo de atitude: se os usuários do trem percebessem o *rapa* como um organismo que melhorasse o transporte coletivo, eles não seriam cúmplices do comércio proibido, mas, no caso relatado, eles se identificam com o sujeito que se desdobra para sobreviver e é reprimido à força e injustamente.
- 11 A agressividade não está apenas nas ações do *rapa*, mas nos embates entre torcidas de futebol rivais, assaltos, arrastões e até casos de morte também abordados pelo autor, que critica veementemente o sistema de segurança nos trens, realizado por empresas contratadas. Buzo é taxativo ao relatar a inoperância do policiamento: “Esses guardinhas não resolvem nada, são, na grande maioria, despreparados para a função e cometem abusos” (*Ibid.*, 45). Segundo o autor, como a ordem não é garantida pelos meios oficiais, os usuários é que se encarregam de ajeitar as coisas, às vezes expulsando um batedor de carteira do vagão. Apesar dos eventos que descreve, o escritor acredita

haver menos violência nos trens da periferia do que o senso comum indica e que casos isolados não podem ser tratados como rotina.

Revolta e versões

- 12 Ao longo da década de 1990, houve tumulto e interrupção no serviço da CPTM algumas vezes, culminando com a história que Buzo escreveu após ter sido testemunha ocular dos eventos que levaram passageiros da Linha Variante – cujo nome muito provavelmente foi alterado em função dos eventos ocorridos no ano de 1999 – a provocarem um incêndio num dos vagões. O escritor estava no trem não apenas no dia do ato, mas nas semanas que antecederam o fogo. No dia do incêndio, Buzo narra que já estava no trem há mais de uma hora quando a composição voltou, fazendo o caminho inverso. Os vagões ficaram cada vez mais superlotados e seguiram ainda mais lentamente até parar por 30 minutos sem nenhum aviso. O relato indica a precariedade do sistema e dá detalhes do corre-corre diário e das trocas excessivas de plataforma, motivos da irritação dos passageiros. Ao contrário do que acontece nos metrô da cidade, em São Paulo não se anunciavam informações sobre atrasos no trem. Com o calor aumentando e o número de pessoas por metro quadrado também, a falta de avisos era um motivo a mais de estresse para quem perdia a hora do trabalho ou ficava parado por muito tempo dentro da composição na volta para a casa. É nesse contexto que o temperamento de quem aguardava sem saber o que estava acontecendo se transformou.
- 13 No dia mais crítico registrado por Buzo, alguns tentaram manter o humor com um jogo, ou desceram do trem para passar o tempo, mas houve quem não resistiu ao calor e passou mal. Depois de três horas, havia gritos como “Queima essa merda, põe fogo no trem”, “Fogo, fogo, fogo, era só isso que o povo em fúria pedia. Depois de horas de humilhações e descaso, queriam fazer justiça com as próprias mãos” (Buzo 2010, 50). Algumas pessoas começaram a andar pela linha férrea, onde encontram um sofá velho abandonado, rechearam de jornal, jogaram dentro de um vagão e atearam fogo. Um pequeno grupo foi responsável pelo ato, enquanto muitos já se preocupavam em caminhar longas distâncias até as estações mais próximas a fim de tentar meios alternativos de chegar a suas casas, o que só aconteceria no meio da madrugada devido às distâncias.
- 14 Para um fato há sempre várias versões. No entanto, sabe-se que uma trama muito maior está envolvida na seleção do que se torna ou não notícia e na forma como a mesma é apresentada. Neste caso, a imprensa veiculou diversas matérias informando a versão da CPTM. As notícias indicavam que vândalos atearam fogo nos vagões, composições foram destruídas e o transporte ficou prejudicado devido à atitude de marginais. Buzo alega que nenhum veículo midiático entrevistou as pessoas diretamente atingidas, ou seja, os usuários do transporte coletivo. Todas as entrevistas que viu ocorreram com técnicos da CPTM anunciando os valores do prejuízo e tratando o povo como “demônio incendiário”. Dessa forma a opinião pública logo estava do lado da companhia.

Estrategicamente, os trens incendiados foram enfileirados próximo ao Brás, para que quem estivesse no metrô pudesse ver o que os vândalos fizeram. Manipulada pela mídia, a população deu total apoio para que uma punição fosse imposta aos marginais. É, no meu trampo, a palavra vândalo foi substituída pela palavra marginal. Todos queriam dar sua opinião sobre as punições que devíamos sofrer.

Ficar sem trem era uma unanimidade. Só para lembrar: os *vândalos* ou *marginais* no caso, eram pais e mães de família cansados e humilhados. (Buzo 2010, 52)

15 Foram longos seis meses sem trem. A CPTM alegava que os trilhos haviam sido danificados no incêndio, mas, segundo o livro, estranhamente o fluxo de trens de carga foi mantido e logo surgiu o boato de que a linha seria extinta para passageiros. Apesar da superlotação, da falta de manutenção nos vagões e de todos os problemas do trem, a vida de quem mora no extremo Leste da grande São Paulo e trabalha na região central fica impraticável sem esse meio de transporte. A narrativa dá conta de muitas pessoas que perderam o emprego porque não conseguiam mais chegar no horário ao depender de ônibus. Além disso, o comércio próximo à linha do trem sofreu com a longa interrupção no serviço.

16 A ênfase dada à veiculação da versão oficial pela imprensa não é fato isolado. Até mesmo em eventos mais recentes, a cobertura tradicional de conflitos e manifestações parecidas é feita com a preocupação de manter certa distância, com imagens captadas a partir de um ponto mais alto ou de um helicóptero, deixando o nível do microfone apenas para assessores, diretores e responsáveis técnicos. Este é um caminho que não coloca em xeque o poder estabelecido e não mobiliza a crítica social. O sistema de ideias constitui limites para que uma sociedade-em-dominância se reproduza tranquilamente e de modo funcional, como observa Stuart Hall, lembrando que as ideologias operam nos códigos de representação, não através de imagens isoladas, “mas em cadeias discursivas, agrupamentos, campos semânticos e formações discursivas” (Hall 2009, 170). No entanto, entre as ações capazes de promover deslocamentos no senso comum estão o que Homi K. Bhabha chama de empoderamento e estratégias de representação, que também se dão através do espaço literário. A divulgação do livro torna-se um agenciamento de novas versões do fato e, apesar de dizer que pouca coisa mudou alguns anos depois, Buzo relata um fato importante ocorrido quando dava entrevista na Estação Itaim Paulista para o SP Notícias da TV Record a fim de divulgar seu livro². A repórter decidiu entrar no trem para ambientar a matéria, no que foi acompanhada pelo assessor de imprensa da CPTM. Durante a entrevista, houve um aviso para esvaziar a composição e a desordem instaurou-se.

Desembarcamos na plataforma central do Itaim e anunciaram que um trem na plataforma lateral iria partir sentido Brás. O povão começou a pular a linha para trocar de plataforma, inclusive mulheres e crianças, e a repórter mandou o cinegrafista filmar tudo. O assessor queria nos levar até a escada, que daria acesso ao outro lado, mas a repórter então perguntou:

- Por que a gente vai pela escada se todos estão indo pela linha?

- Mas não pode pular na linha.

- Mas todo mundo pulou.

Isso foi muito engraçado e eu achei o máximo a CPTM dar um *milho* desses.

Quando a reportagem foi ao ar me mostrou em casa e depois indo trabalhar. A conversa na plataforma e a parte em que entramos no trem tinha uma narração que dizia: – Basta entrarmos no trem e verificar que as histórias narradas no livro do Buzo são reais: o trem está quebrado. Depois mostrou o povo pulando na linha e a entrevista com uma garota com duas crianças e um bebê de colo que havia pulado na linha também. (Buzo 2010, 80)

17 O empoderamento está relacionado à consciência e à emancipação tanto individual quanto coletiva em relação a direitos sociais e à superação de uma realidade em que se encontra. Isso envolve a participação em espaços privilegiados de decisões, dos quais o autor tomou parte, não apenas ao assumir-se como um escritor que publica um livro, mas também ao promovê-lo em todos os espaços de legitimação possíveis. Assim, ele é

capaz de mostrar sua versão outra para os fatos e de negociar com a comunidade que o cerca, bem como com a mídia, assinalando que “os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente” (Bhabha 1998, 20).

- 18 As articulações sociais, entretanto, constituem negociações em andamento. O escritor novato não demorou a perceber isso e, depois de vários contatos com a imprensa, percebeu que havia se tornado referência em contatos na periferia para produtores de TV, que passaram a procurá-lo para solicitar fontes diversas, tais como ex-usuários de drogas ou alguém disposto a acompanhar uma câmera escondida, por exemplo. Nas histórias que conta no livro, há relatos de gravações que nunca foram ao ar e de uma em especial, da qual teria se recusado a participar, ouvindo desaforos do produtor. A partir daí, Buzo teria repensado sua relação com os jornalistas, dizendo que falaria apenas de literatura e cultura.
- 19 Um capítulo é dedicado a temas como a reforma realizada na Estação Brás, que o autor clama merecer a atenção da imprensa. Segundo ele, a beleza da obra foi proporcional aos gritantes erros de planejamento, que ocasionaram vários problemas nas plataformas e nas escadas, deixando o fluxo de pessoas mais truncado. O uso do espaço é detalhado, incluindo críticas às reportagens feitas durante a inauguração, quando a estação está vazia. Para contrastar com o tratamento dispensado aos momentos solenes nas reportagens, o autor comenta que não são abordadas as denúncias relativas ao mau funcionamento do transporte ferroviário, indicando que os veículos de comunicação produzem apenas pautas sobre comportamento, curiosidades e violência quando tratam da população que vive na periferia urbana.
- 20 Após a realização de uma reportagem com câmera escondida pelo telejornal SPTV (Rede Globo) sobre o uso de drogas em um dos vagões, ocorreu uma enorme generalização, afirmando que todos os que embarcavam no último vagão eram usuários de drogas; logo outros veículos de comunicação queriam registrar o “trem da maconha”. Diversos programas de TV com apelo policial, telejornais mais sérios e imprensa escrita abordaram o tema a ponto de o vagão ganhar o apelido de *Big Brother* e, quem viajava nele, passou a ser revistado pela polícia na ida e na volta para casa, além de ter que explicar o motivo dos atrasos no trabalho.

Pessoas perderam o emprego por aparecer na TV como suspeitas no trem da maconha. Depois, ninguém mostrava o outro lado: que nada foi encontrado e os suspeitos haviam sido liberados. Nenhuma explicação era dada e só ficava aquela imagem, vista muitas vezes por padrões preconceituosos que, na dúvida mandou muita gente embora (*sic*). (Buzo 2010, 86)

- 21 Buzo estima que uma percentagem muito baixa dos viajantes do último vagão fosse de usuários de drogas e agrega ao livro o depoimento de uma mulher, que não quis se identificar, publicado no blog de seu primo à época dos acontecimentos. Ela afirma ser o vagão com os passageiros mais gentis e respeitosos da composição, onde viajava mais tranquilamente e não era assediada, sendo até mesmo mais sossegado que o vagão dos religiosos. O autor culpa a má qualidade do serviço de transporte pelos problemas, comparando os trens da CPTM ao metrô. O discurso que se questiona aqui não é apenas o da imprensa. Contestar a versão oficial significa quebrar hegemonias ou romper com velhas estruturas de pensamento. O discurso oficial não é representado somente por referências midiáticas, mas por uma série de formulações comprometidas com o poder que comparecem no livro de Buzo: “Uma pessoa ligada indiretamente ao governo do Geraldo Alckmin, ao saber que eu lançaria este livro me disse: – Acho que você deveria

repensar o fato de lançar esse livro, porque a CPTM vai investir milhões na reforma da linha Variante, e seu livro pode cair no vazio” (*Ibid.*, 122). Muita coisa se modernizou nos últimos anos. Não existe mais o surf no trem, e o próprio autor coloca uma nota na reedição dizendo que, embora o problema da superlotação persista, não circulam mais vagões com assoalho remendado com madeira. É neste sentido que observamos a importância do subtítulo subvertendo a ordem das coisas: “contestando a versão oficial”.

- 22 Conforme ressaltamos, há diferenças entre a primeira e a segunda metade do livro na versão analisada. Apesar das dificuldades de classificação, ao final da obra, com o traquejo adquirido, Buzo assume *O trem* como um livro-reportagem e se coloca num outro patamar, como porta-voz da comunidade. É importante destacar entretanto que, em toda a publicação, desde as primeiras linhas, observa-se que o tratamento dispensado é, mais que direto, cru, sem preocupação com refinamentos literários ou mesmo com uma revisão mais atenta. O caráter de depoimento aproxima a obra de uma fonte primária, embora o formato de divulgação crie uma expectativa literária. O “livro do Trem” já possui uma trajetória longa e, mesmo na terceira edição, mantém diversos traços da precariedade com que foi publicado, como a falta de revisão e a edição independente.

Língua e partilha

- 23 A qualidade da língua empregada na narrativa chama a atenção do leitor mais escolarizado e exige do crítico uma leitura política de seu uso. O também escritor da periferia Sérgio Vaz fala em uma nova língua que se afirma a partir de um lugar que sofre preconceito linguístico: “se eu sofro preconceito linguístico eu posso falar o que eu quiser. Só que essa ‘língua de Eulália’³ que a gente fala é uma língua que nos identifica” (Vaz 2013, 230), diz o escritor, reforçando que o intelectual é quem deveria estar na posição de compreender aquele que fala ou escreveu algo de modo diferente da língua padrão e evitar a verbosidade para fazer-se entender pelo mais simples, mas comumente é quem sabe mais que perpetua o preconceito. Daí a necessidade de tomar a língua das ruas não apenas como gíria, mas como um dialeto:

Se [...] o sistema ignora esse povo que vive à margem, então que a margem também se rebele. [...] Eu não posso ter orgulho desse Brasil. A pessoa ri do outro que não foi estudar, porque falou “nóis vai”. Ele que sabe todas as regras devia ser o generoso de falar assim “Eu entendo ele. Ele estudou numa escola que eu não estudei. [...] Quando eu digo a pátria, eu falo assim “Pessoal é o que nós temos? Então vamos trabalhar com isso”. Não é o cara que vai falar errado pro outro achar engraçado, aquela época do Grande Otelo. Racionais⁴ fala “Ginga e fala gíria. Gíria não, dialeto!” É a linguagem das ruas, cara. Foi o que vocês me ensinaram. Porra, não suba no morro da Mangureira e peça pro cara tocar Mozart! Vai tocar funk, cara! Tu deu porra nenhuma, quer ouvir o quê? Violino? Quer que o cara recite Camões? Tu deu preconceito, tu deu pobreza, tu deu esgoto a céu aberto, lixo. “Pô, funk é um lixo”. Que sociedade generosa, né?! Queria que surgissem Mozarts? Não, é isso aí. Refundar a pátria é isso. É isso que vocês querem, um novo som? Vão ter. Uma nova língua? Vão ter. A pegada é violenta, a forma de falar é violenta. “Ah o que você escreve é sobre violência”. É o que eu vejo. Eu conheço pessoas que morreram, violência da polícia, descaso do Estado. E faço o quê? Não é eu que escrevo violência, violento é o sistema. (Vaz 2013, 231)⁵

- 24 Vaz deixa claro que os processos de elaboração cultural, assim como os procedimentos da escrita – sejam eles de traços biográficos ou ficcionais –, terão referências no repertório que forma o sujeito e que podem e devem ser utilizados tanto como objeto de identificação quanto como arma para “refundar a pátria”. Já na orelha de seu livro Buzo quer atrair o leitor de maneira a indicar a leitura como uma conquista pessoal sua e daquele que o lê:

Vitória!!! Se você simplesmente está lendo a orelha deste livro é porque ele conseguiu romper várias barreiras. [...] talvez depois da orelha você nem venha a comprá-lo, mas viu a capa, pegou, sentiu. [...] só o fato de ter lido essa orelha já foi uma vitória para o autor, que não vem da elite e das faculdades e sim do gueto que é uma escola. (Buzo 2010)

- 25 O trabalho de Buzo é de formação de leitores e produz identidade com os sujeitos que partilham a viagem de trem e que falam a mesma língua que ele. Assim, ocorre um deslocamento na noção de público leitor no Brasil, tradicionalmente identificado como aquele que frequenta bancos escolares e livrarias. Ao promover esse desvio, a noção de literatura é tensionada, nos obrigando a repensar seus limites e definições. Buzo pode não ser interessante apenas como autor, mas sim no que ele produz de deslocamentos de valores, no processo de circulação que dá ao discurso enquanto escritor que reelabora um imaginário da vida suburbana e o projeta socialmente através do livro, impondo presença através da literatura e redefinindo o papel da crítica literária.

Nossa tarefa, entretanto, continua sendo mostrar como a intervenção histórica se transforma através do processo signifiante, como o evento histórico é representado em um discurso *de algum modo fora de controle*. Isto está de acordo com a sugestão de Hannah Arendt de que o autor da ação social pode ser o inaugurador de seu significado singular, mas como agente, ele ou ela não podem controlar seu resultado. (Bhabha 1998, 34)

- 26 O que a literatura marginal faz, assim, é tornar presente uma camada que estava ausente desta vida pública, demandando um posicionamento político diante de imposições linguísticas e culturais. Grupos que se encontram inseridos no mundo econômico pelo (sub)emprego, pelo tráfico ou por outras esferas, mas que estavam excluídos da forma discursiva literária, da produção cultural brasileira, começam a aparecer em alternativas que lhes eram negadas.
- 27 Claro que a inserção nesse complexo meio produtivo não significa uma inclusão justa ou, poderíamos até dizer, humana, caso contrário todo o sistema fracassaria. Basta observar a Declaração Universal dos Direitos Humanos para concluir que quase todos os seus países signatários violam flagrantemente seus artigos, porque colocá-las em vigor provocaria vastas transformações da economia política do capitalismo. Ressaltam-se, na observação de David Harvey⁶, intensas contradições, pois diversos processos que levaram o capitalismo ao auge, assim como sua consequente globalização, permitiram que fossem criadas condições para o fortalecimento de culturas populares, bem como para a emergência de grupos subalternos.
- 28 Se a revolução das comunicações e a difusão da tecnologia da informação estão profundamente ligadas a processos de globalização, é necessário compreender, entretanto, que esse processo acontece no âmbito de desenvolvimentos geográficos desiguais. Como resultado, há aspectos negativos e desmobilizadores, pois, além de concentrar riqueza e poder, a globalização promove oportunidades político-econômicas em poucas localidades seletivamente escolhidas, embora ofereça oportunidades para uma política progressista alternativa.

a globalização traz integralmente de volta a questão da nossa “condição de espécie” no planeta [...]. Ela abre espaços tanto de debate conceptual e teórico como de batalha política (de que já se pode discernir formas indefinidas). E sobretudo torna necessário e possível redefinir direitos humanos universais que vão bem além dos reconhecidos em 1948 [...]. Esses direitos não vão ser espontaneamente concedidos ou reconhecidos justamente porque podem levar a mudanças revolucionárias nas ordens sociais e nas economias políticas. Eles só vão ser conquistados por meio de lutas. Isso vai envolver discussões intensas e por vezes irreconciliáveis, particularmente quando os direitos entram em contradição uns com os outros ou, o que é mais relevante, estabelecem precedentes antagônicos ao funcionamento do capitalismo de mercado. (Harvey 2004, 128)

- 29 Ações contestatórias ou alternativas ao modelo dominante podem ser encontradas dentro do próprio sistema, configurando um tipo de resistência que, se não caracteriza completamente a luta de que fala Harvey, ao menos tensiona as relações na direção de um processo emancipatório. Várias dessas ações são favorecidas pelo mesmo desenvolvimento tecnológico e informacional difundido através da globalização. Retomemos o caso do texto da mulher, que não quis se identificar, reclamando do tratamento que a mídia dispensou ao “vagão dos maconheiros”. Buzo reproduz no livro a carta entregue a seu primo, Magu, e publicada na internet com o objetivo de refletir sobre as distorções veiculadas na mídia e que tanto prejuízo causaram a alguns passageiros. Isso se deu em 2004; assim a carta entrou para a versão do “livro do Trem” nas edições seguintes, incluída na parte que abarca o período de 2000 a 2005, “Cinco anos depois, tudo igual...”. Fosse um acontecimento da década de 1990, como os incluídos na primeira versão do livro, *O trem: baseado em fatos reais*, esse tipo de expressão direta através da internet não seria viável, pois era um recurso bem menos difundido na periferia. Hoje, a exemplo da cobertura de protestos, principalmente partir de junho de 2013, incluindo o fenômeno da chamada “Mídia Ninja”⁷, outras versões dos fatos circulam alternativamente através de textos, vídeos e fotos feitos por pessoas comuns no momento dos acontecimentos.
- 30 Voltemos à opinião de Buzo sobre a circulação de sua própria obra:

há dez anos começaram a surgir os livros pioneiros, que foram realmente de pessoas que, como eu, bateram em porta, derrubaram porta pra fazer seus primeiros livros. E aí, depois, começaram a surgir outros. Eu acho que sempre... não diria sempre, mas há muito tempo tem pessoas que escrevem. Essas pessoas só tinham os seus textos engavetados. As pessoas escreviam e não mostravam pra ninguém. Então, por que nos últimos dez anos mudou? Porque começou a surgir a internet. A internet começou a ficar viável, então o cara começou a escrever no blog, o cara começou a publicar no site, os textos começaram a circular. (Buzo 2014)
- 31 Encontra-se aí, não apenas um canal para expressar-se contra o noticiário padrão, mas um fator de estímulo à escrita, bem como à circulação do material produzido. Nesse sentido, não apenas a ação de Buzo é digna de nota, mas outras como o Selo Povo, de Ferréz, ou as Edições Toró, de Allan da Rosa, foram iniciativas importantes para garantir a visibilidade impressa da literatura emergente na periferia de São Paulo. É preciso ressaltar ainda que, antes da popularização da internet, os fanzines foram um veículo valioso de formação e difusão de novos autores na periferia – o próprio Buzo escreveu para fanzines, assim como Sacolinha, Elizandra Souza e muitos outros –, tendo um alcance local importante. A difusão, entretanto, aumenta com a possibilidade de fazer circular os textos através da internet e, somada aos saraus, que se tornaram um acontecimento na periferia, e ao barateamento da publicação em livro, cria o que Alessandro Buzo percebe como uma “cena” literária:

Os saraus ainda não existiam. A Cooperifa tem dez anos⁸, então estava surgindo. Então os outros também não existiam. Então, não tinha nenhuma cena literária que tem hoje.[...] Quando eles viram que as pessoas começaram a publicar, eles falaram: “Porra, é possível publicar?! E antes de ser possível publicar eu já posso publicar na internet, eu já posso fazer meus contos circularem”. Então um foi virando referência pro outro: “Pô mano, o cara fez daquele jeito”. “O cara lançou com o dinheiro do próprio bolso”. “O outro fez um projeto pro Vaz e lançou vários livros”. “O outro é o Allan da Rosa, lançou vários livros”. Começaram a surgir os “Allan da Rosa” da vida, começaram a surgir os “Ferréz” da vida, que começaram a reproduzir, até eu, começando da periferia. Então, eu acho que antes da nossa geração já tinha um monte de gente que escrevia, acho que desde os anos 60/70 já tinha muita gente que escrevia. Era uma minoria? Era uma minoria! Hoje tem mais gente? Hoje tem mais gente porque existe toda essa cena, pô! O cara tem onde mostrar, o cara existe! (Buzo 2014)

- 32 Tal aspecto de simultaneidade dos eventos em regiões distantes da periferia de São Paulo, ou mesmo do Brasil, não impede a compreensão do fato como um movimento desde que sejam guardadas as devidas distinções entre os sujeitos que o compõem. Não é possível falar, como no modernismo, em movimentos coletivos nos quais sejam compartilhados projetos e manifestos. Basicamente cada autor lança-se individualmente, mas se aproveita de um contexto coletivo. Indagado a esse respeito, Allan da Rosa indica, implicitamente, que mais do que trajetórias individuais, o movimento ressent-se de diferenças internas significativas do ponto de vista político e estético, mas acaba reconhecendo que isso é “natural”:

A espiral vai crescendo e a gente pode desconfiar das parábélum que gente mesmo confeccionou, sabe? Quando você ouve uma pessoa rimar quilombo e liberdade e na hora de construir a liberdade para além da palavra, que ergue outras escoras, essa pessoa não está presente. Outro momento é quando a gente também percebe, não por mim, percebe que isso vai sendo apropriado por banqueiros ou vereadores. Outro momento é quando a gente percebe que acabou de ler o texto, e foi muito louco você ler aquele texto, sabe que aquilo massageia seu coração, organiza sua luta e você abre a janela e vê a vala. Então eu acho que a gente vai desenvolver mais, o passarinho segurando a parábélum, ou a parábélum soltando o passarinho. (Rosa 2012, 212)

- 33 Com as metáforas que utiliza no trecho selecionado acima, Allan da Rosa identifica diferentes atitudes dos autores que integram a chamada cena da literatura periférica. Uma delas é de confronto e busca a afirmação num gesto que representa o fazer literário como uma apropriação de poder, sem que isso represente a negação das origens sociais do escritor. A outra é de tentar construir, sobre a periferia, o olhar poético que não enfatize apenas aspectos de grande interesse midiático, como a miséria e a violência. Pode-se dizer que a síntese que propõe o poeta entrevistado ainda não é clara na produção dos autores da literatura marginal, e eles lidam muito mais com as diferenças entre as suas posições do que com uma proposta política ou estética unificadora, o que seria comum a um movimento literário.
- 34 Na cena contemporânea, a ideia de movimento não se pode deslocar da perspectiva individualista que organiza os processos de ocupação da esfera pública. Trata-se, para usar a imagem de Gilles Lipovetsky, de uma ideologia da qual se lança mão num sistema de “self-service” (Lipovetsky 2005, 2), um princípio de identificação momentânea e autocentrado. Na percepção de Alessandro Buzo, depois de fixado o movimento da Literatura Marginal, através da qual o autor se insere no mercado literário, cada um

busca estratégias próprias de dar continuidade à sua produção, se distanciando da experiência coletiva.

A gente tem um respeito mútuo, sabe? Uma admiração cada um pelo outro. Eu sou muito amigo de todos eles assim. Eu me dou bem com todo mundo. Eu sou um cara muito fácil de se relacionar e tal. Cada um tem sua particularidade, sabe? Sérgio Vaz fica mais lá no quilombo dele, sabe? Ele nunca frequentou aqui, por exemplo. A gente tem um distanciamento que às vezes é porque eu estou fazendo um milhão de coisas e ele está fazendo um milhão de coisas também. Então, assim, a gente está bem afastado por causa disso. Agora, com outros a gente acaba ficando mais próximo porque tem feito, ultimamente, juntos. O Ferréz veio aqui na livraria, fez leitura do livro dele que ainda nem foi publicado. O Sacolinha, uma vez ou outra. Então a gente se fala se precisar, se tiver alguma coisa pra somar pro outro e tal, a gente se fala. [...] o Allan da Rosa, que era muito presente no sarau, sumiu, foi resolver outras coisas. Mas, assim, a gente sabe o que o outro está fazendo pela internet. Existe o respeito mútuo e uma admiração mútua entre todos nós. Briga não tem, briga declarada com ninguém. Assim, o movimento é de conciliação e não de separação. Uma coisa que faz que o outro não acha legal, sabe? Isso é coisa da vida mesmo. Então, se falta um pouco de proximidade é porque também a gente está fazendo coisa demais. Eu mal dou conta da minha agenda. (Buzo 2014)

- 35 Apesar das ações e dos espaços diferentes, há por trás das ideias elencadas no trecho acima a noção de que todos possuem trajetórias diversas, porém com pontos de contato.
- 36 Assim, haveria um fundo em comum, não apenas como plano de fundo, mas como capital simbólico representativo. A imagem de “quilombo” remete às atividades realizadas pelos pioneiros do movimento em seus nichos e que conforma um público segmentado, que não circula necessariamente em todos os ambientes da Literatura Marginal.
- 37 Do ponto de vista da organização espacial, a expansão desse capital simbólico representado pelas periferias torna-se patente com o deslocamento dos empreendimentos culturais para áreas de maior centralidade. Não à toa, a loja 1 da Sul, do escritor Ferréz, está na Galeria do Rock, no Centro de São Paulo, e a Suburbano Convicto, de Buzo, no Bairro do Bixiga. Buzo reconhece a criação desses e de outros espaços como uma rede que vai garantir o alcance público da produção de autores já consagrados – como Ferréz, que foi ao sarau ler seu livro inédito – ou de jovens autores que, mais do que usar o circuito como meio de divulgação, acabam também constituindo o próprio público dos saraus. Em outras palavras, é como se os saraus viabilizassem uma passagem do lugar de plateia para o de produtor a muitos jovens poetas. Cada escritor da periferia seria, assim, peça de uma engrenagem na visão de Buzo.

Tensão e visibilidade

- 38 No interior dos próprios movimentos dos saraus, se reproduz a valorização das histórias individuais, que foi verificada na trajetória dos pioneiros da Literatura Marginal. Como existe nesta condição de marginalidade o jogo tenso da dinâmica social, na qual se valoriza a alteridade, é importante ressaltar que eventos dessa natureza criam um circuito através do qual, na esfera das comunidades, é possível reproduzir a lógica da projeção individual. Tal lógica favorece, mas não garante, um processo de

subjetivação que vincula o indivíduo tanto à sua identidade e consciência quanto a um poder de controle externo.

- 39 Nesse jogo com a alteridade torna-se possível a relativização dos valores que põem em tensão as regras mais amplas da sociedade e as estratégias de resistência de pequenos grupos que se instituem como comunidades. Segundo Bhabha,
- a metáfora orgânica ou biológica por meio da qual os conceitos de comunidade e comunicação são construídos – como meio e mediação em uma escala sempre global – sempre limita o mundo real do espaço cibernético transnacional às fronteiras nacionais familiares da comunidade imaginada de um tempo-espaço nacional vazio e homogêneo. (Bhabha 2011, 145)
- 40 A escala global a que se refere o crítico corresponde a uma perspectiva hegemônica da esfera pública que não contempla muitos dos sujeitos que vão se articular, às vezes através do compartilhamento de uma mesma rede de comunicações, a fim de problematizar esta unidade nacional que é reconhecida como vazia e homogênea. Nesse ponto de vista, é como se a noção de sujeito que se relativiza de acordo com a problematização da diferença ganhasse uma força política na medida em que perturba o que Bhabha chama de “ontopologia nacional”. Embora o crítico defina esta ontopologia no “entrelaçamento específico da identidade, da localização e da elocução/língua que comumente define a particularidade de uma cultura étnica” (Bhabha 2011, 152), podemos compreender que, na dinâmica da sociedade brasileira, a condição de sujeito periférico guarda muito mais do que particularidades de uma cultura étnica, mas também econômica e social. Bhabha recorre à leitura de *Espectros de Marx* (Derrida 1994, 154) para demonstrar que a representação da minoria em nossa época se dá de maneira enigmática ou espectral⁹. Retomamos Bhabha para deixar claro que:
- O personagem da minoria, como uma forma de emergência histórica, é um problema das tecnologias de visibilidade – um trazer à luz; da disjunção da espacialidade – trazer até lá sem estar lá; e das políticas de temporalidade – ao mesmo tempo tanto presente quanto ausente. (Bhabha 2011, 154)
- 41 Neste ponto é que se reconhece que os autores ligados à Literatura Marginal se comportam de maneira empreendedora, revestem o papel do intelectual com a lógica do trabalho contemporânea, diferente daquela que guiava o escritor modernista brasileiro, tipicamente funcionário público que tinha tempo para se dedicar à escrita. Vaz, Ferréz e Buzo, entre outros, trazem a lógica do trabalho para o circuito, não necessariamente para a escrita. Apresentam-se como agitadores culturais, *videomakers*, produtores e escritores, de modo que escrever é uma das tarefas que compõem esse circuito.
- 42 São autores que se aproximam do que Walter Benjamin identificou enquanto “autor como produtor”. Segundo o ensaísta, o advento de obras-primas e a pseudo-riqueza de personalidades criadoras estão fora da expectativa do autor consciente das condições da produção intelectual contemporânea. “Seu trabalho não visa nunca a fabricação exclusiva de produtos, mas sempre ao mesmo tempo a dos meios de produção” (Benjamin 1994, 131). Ou, noutras palavras: “Sua relação com a ideologia difere em geral de outras em que os indivíduos produzem e reproduzem o mundo das mercadorias materiais – que estão também inscritas pela ideologia” (Hall 2009, 170). Isso porque determinadas práticas envolvem representações capazes de transformar o próprio campo da representação ideológica de forma inteligível e significativa.

Considerações finais

- 43 Ao tomar a palavra, autofinanciar e divulgar seu primeiro livro, Alessandro Buzo assume uma prática discursiva divergente daquela que tradicionalmente lhe cabia como morador da periferia de São Paulo, fazendo da palavra escrita, e não do fogo, um meio de expressão importante. A opção do autor não impediu que muitos ainda o considerem um vândalo, mas dessa vez com a língua portuguesa. Buzo segue marginal, assim como a literatura por ele produzida. Isso porque a periferia é normalmente vista como lugar de encontro concreto com o mundo e não de produção de sentido. Não se trata de fetichizar a prática em favor de uma ideologia de modo a identificar o social com o discurso sobre o social. Tornar-se produtor do próprio conteúdo editorial ultrapassa a simples ideia de assumir um discurso, movendo domínios de representação e significado até então estabelecidos e ocupando espaços antes não preenchidos.
- 44 Para além de qualquer alcance ideológico que possa ser hermeneuticamente lido como proposta em alguns dos textos ou contextos sociais ligados à literatura produzida a partir das periferias urbanas brasileiras, a organização que vemos empreendida por autores como Buzo dá a ver representações que se encontravam ocultas no espaço público. Retomando a menção do escritor ao estabelecimento de uma cena literária propiciada pelas novas tecnologias e pelos saraus, é possível observar que não se trata apenas do meio internet ou de formas poéticas construídas por meio da tecnologia que tanto se discute hoje em dia. Além disso, mais do que uma forma de propiciar o empoderamento, ou de constituir um novo processo literário, a ascensão dessa literatura representa a apropriação de uma cultura que pertencia apenas aos mais favorecidos.
- 45 Na medida em que trata de refuncionalizar modos de produção e consumo de arte e cultura, ao mover fronteiras e interferir na relação que a periferia tradicionalmente tem com a esfera pública, a Literatura Marginal reinventa a capacidade de trazer efetivamente à presença um grupo que fale por si à sua própria audiência tanto quanto a outras; um grupo que, enquanto corpo, se encontrava apenas espectralmente representado quando se fazia ouvir por outrem. Neste sentido, as maneiras como a periferia se dá a ver são ampliadas, expandindo a negociação de significados da relação centro-periferia e proporcionando, assim, novos modos de olhar e expor a articulação entre mundo e representação, bem como o contexto a que ela se refere, engendrando novas noções, conceitos e conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. 2006. *A língua de Eulália*. São Paulo: Contexto.

BENJAMIN, Walter. 1994. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

- BUZO, Alessandro. 2014. “‘Nada indicaria que eu fosse ter alguma ligação com cultura’: Entrevista com Alessandro Buzo”. Entrevistado por Faria, Alexandre G., Érica P. do Nascimento, Fernanda P. A. Fernandes, Ricardo I. M. Domingos e Waldilene Silva Miranda. *Revista Z Cultural* (Revista Virtual do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/UFRJ). Ano IX, V. 2, s/n. <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/nada-indicaria-que-eu-fosse-ter-alguma-ligacao-com-cultura-entrevista-com-alessandro-buzo/>.
- BUZO, Alessandro. 2010. *O Trem: contestando a versão oficial*. São Paulo: Edicom.
- BHABHA, Homi. 2011. *O bazar global e o clube dos cavaleiros ingleses*. Rio de Janeiro: Rocco.
- BHABHA, Homi. 1998. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- DERRIDA, Jacques. 1994. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- GUMBRECHT, Hans U. 2010. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio.
- HALL, Stuart. 2009. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- HARVEY, David. 2004. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola.
- LIPOVETSKY, Gilles. 2005. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole.
- PERLMAN, Janice E. 1977. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- ROSA, Allan da. 2012. “Entrevista com Allan da Rosa”. Entrevistado por Faria, Alexandre G., Carolina de O. Barreto, Fernanda P. A. Fernandes, Waldilene S. Miranda. In *Literatura & Política*, organizado por Ferreira, Rogério de S. Sérgio, Terezinha M. S. Pereira, 201-221. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- VAZ, Sérgio e Marcelino Freire. 2013. “O livro é só um dos lugares onde a literatura está”. Entrevistados por Faria, Alexandre, Carolina Barreto, Fernanda Fernandes, Giovani Verazzani, Ricardo Domingos, Waldilene Miranda e Jovita Noronha. In *Disciplina, Cânone: Continuidades e Rupturas*, organizado por Noronha, Jovita M. G., Maria Clara C. de Oliveira, Maria Luiza S. Pereira e Rogério de S. S. Ferreira, 223-237. Juiz de Fora: Editora da UFJF.

NOTAS

1. *Trem* é o nome mais utilizado para comboio no Brasil, onde os carros da composição são chamados de *vagões*. Há que se ressaltar que, diferentemente da Europa, a ferrovia brasileira recebe pouca atenção quando o assunto é transporte público de pessoas e quase inexistente para longas distâncias, sendo utilizada em trechos mais curtos pela população empobrecida que vive à margem dos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo.
2. Na versão analisada do livro, novos trechos foram acrescentados à história. A primeira versão foi publicada em 2000 com recursos do autor sob o título *O trem: baseado em fatos reais*. Cinco anos depois, o escritor adicionou mais páginas para dizer que a situação era a mesma e alterou parte do título para “contestando a versão oficial”. A edição utilizada para análise é a terceira versão, publicada em 2010.
3. Referência ao título de uma novela do sociolinguista Bagno, 2006.
4. Fundado pelo *rapper* Mano Brown, dentre outros, os Racionais MC’s são considerados o grupo de *hip-hop* mais influente do Brasil.

5. O depoimento de Vaz foi registrado por um grupo de pesquisadores junto ao do escritor Marcelino Freire durante um evento acadêmico, sendo publicado posteriormente.
 6. Harvey analisa especialmente os artigos 22 a 25 da Declaração de 1948, que tratam de temas como segurança social, livre desenvolvimento da personalidade, livre escolha do emprego, remuneração justa, direito ao lazer, bem como a cuidados e assistências especiais à maternidade e à infância.
 7. “Narrativas **I**ndependentes, **J**ornalismo e **A**ção” compõem a sigla que o grupo de mídia “Ninja” formou para si em 2011 com a intenção de promover o ativismo sociopolítico, declarando ser uma alternativa à imprensa tradicional. A Mídia Ninja tornou-se conhecida mundialmente durante as transmissões em tempo real pela internet dos protestos de 2013 no Brasil. Com estrutura descentralizada, o grupo utiliza as redes sociais, especialmente o Facebook, na divulgação de notícias e, como equipamento, câmeras de celulares e uma unidade móvel montada em um carrinho de supermercado.
 8. Embora a entrevista de referência tenha sido publicada somente em 2014, Buzo recebeu os pesquisadores para a conversa que a originou em 2010, quando a Cooperifa celebrava dez anos de existência.
 9. Derrida, por sua vez, cita *Hamlet*, de Shakespeare, quando constata que “*The time is out of joint*” (O tempo está fora dos eixos) para evocar a imagem, após a morte de Marx, de uma época ainda assombrada pelo fantasma de um mito com o qual não sabe lidar.
-

RESUMOS

Este texto propõe uma reflexão sobre deslocamentos nas fronteiras literárias, espaciais e econômicas brasileiras através do livro *O trem: contestando a versão oficial*, escrito por Alessandro Buzo. Estes limites foram movidos ou tensionados na forma como o público é representado por autores que vivem na periferia a partir do momento em que tomam a palavra para expor suas próprias concepções dos fatos em relação ao que aparece nos noticiários, destacando configurações de identidade não hegemônicas, como faz Buzo, e representando a cultura periférica. Isso torna presente um novo público para a literatura, caracterizado por uma camada social que estava oculta na esfera pública brasileira.

This text proposes a reflection on some shift we can see on literary, spatial and economic boundaries in Brazil working through the book *O trem: contestando a versão oficial* written by Alessandro Buzo. These boundaries have been moved or tensioned in the way the public is represented from the moment authors who live in the outskirts speak up to expose their own conception of the facts regarding to what has been showing on the standard news such as Buzo does highlighting non hegemonic configurations of identity and peripheral culture representation. That can be seen in the contemporary urban scene and brings to presence a new audience for literature, characterized by a social layer that was invisible to Brazilian public life.

ÍNDICE

Keywords: contemporary culture, audience, public sphere, production of presence

Palavras-chave: cultura contemporânea, audiência, esfera pública, produção de presença

AUTOR

FERNANDA PIRES ALVARENGA FERNANDES

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. *E-mail:* fernandapafernandes@gmail.com.